

**PRIMEIROS TRAÇOS DE UM ALCÍNO INTELECTIVO NA *ODISSEIA*<sup>1</sup>**  
**FIRST TRACES OF AN INTELECTIVE ALCINOUS IN HOMER'S ODYSSEY**

Rafael de Almeida Semêdo<sup>2</sup>  
 Universidade de São Paulo  
 (rafsemedo@usp.br)

**RESUMO:** Três diferentes hipóteses etimológicas buscam explicar o nome de Alcínoo, o rei dos feácios na *Odisseia*. Neste estudo, defende-se que Homero tenha interpretado seu nome como uma composição por aglutinação entre *alkí* (força, coragem) e *nóos* (mente, intelecto). A partir de ferramentas narratológicas, analiso a primeira caracterização explícita da personagem na referida obra, sua primeira aparição na cena com Nausícaa no início do canto VI, bem como a relação dessa cena com o restante da estadia de Odisseu junto aos feácios, sobretudo nos cantos VII e VIII.

**Palavras-chave:** Odisseia. Alcínoo. Feácios. Caracterização.

**ABSTRACT:** Three different etymological hypotheses aim to explain the meaning of the name of Alcinous, the king of Phaeacians in the *Odyssey*. In this study I argue that that Homer interpreted his name as a composition by agglutination between *alkí* (strength, might) and *nóos* (mind, intellect). In order to achieve this aim, I analyze, through narratology resources, the first explicit description of that character in the work, his first appearance in the scene with Nausicaä in the beginning of Book VI, as well as the relation of that scene with the remainder of Odysseus' stay among the Phaeacians, mostly in books VII and VIII.

**Keywords:** Odyssey. Alcinous. Phaeacians. Description.

## Introdução

Existem diferentes hipóteses etimológicas para se explicar o nome de Alcínoo, o rei dos feácios que recebe Odisseu em sua corte na *Odisseia*. Em todas elas, entende-se que haja uma composição por aglutinação entre dois elementos nominais: “*alkí* (=alké)” e “*-noos*”. O primeiro significa “coragem” ou “força”. Quanto ao segundo, defendem-se três possibilidades: 1) manifestação direta de *nóos*, “intelecto”, “mente” (HEINZ, 1979, p. 501; VON KAMPTZ, 1982, p. 75; HAINSWORTH, 1990, p. 194); 2) derivação morfológica de *nes/nos*, radical que carrega o sentido de “retorno”, presente em palavras como *nóstos*, “retorno”, ou *néomai*, “retornar” (FRAME, 1978, p. 78-80;

<sup>1</sup> Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo financiamento à minha pesquisa, processo nº 2016/05138-9, da qual o presente trabalho se origina. Agradeço, ainda, a meu orientador, André Malta (USP), e ao Professor Christian Werner (USP), pelas cuidadosas leituras e apontamentos que o enriqueceram.

<sup>2</sup> Mestrando em Letras Clássicas.

HAINSWORTH, idem, p. 194); ou 3) derivação do verbo *néo*, “nadar” (KIECKERS, 1908).

A terceira tem baixa popularidade entre os filólogos<sup>3</sup>, que descartam uma possível conexão entre *-noos* e *néo*, e, por isso, não será aqui levada em consideração. Defende-se neste trabalho que o nome de Alcínoo na **Odisseia** como nos chegou hoje seja o resultado da integração entre um significado proveniente da antiga tradição épica anterior a Homero<sup>4</sup>, “*alkí*-retorno”, isto é, uma manifestação original do radical *nes/nos*, e uma interpretação mais tardia conduzida pelo próprio poeta, que, havendo herdado a personagem da tradição que o antecedeu, mas desconhecendo o antigo sentido de seu nome, interpretou-o como “*alkí*-mente”, tomando a última parte do nome como manifestação direta de “*nóos*”, “mente”, “intelecto”. Consequentemente, graças a essa interpretação, argumenta-se aqui, Homero retratou em seu épico o senhor dos feácios como personagem dotada de notável perspicácia.

### A hipótese de Frame

Em **The Myth of Return in Early Greek Epic** (1978, p.78-80), Douglas Frame endossa a etimologia proposta por um estudioso anterior a ele, Mühlestein, em **Namen von Neleiden auf den Pylostäfelchen** (1965), que explica a origem do “*-noos*” em Alcínoo como uma derivação morfológica do radical *nes/nos*, “retorno”<sup>5</sup>. Frame considera, concordando com Mühlestein (1965), que o nome da personagem significava originalmente “aquele que leva a casa com poder” (*mit Macht heimschaffende*). Tal hipótese parece aplicável não só filologicamente, como Frame argumenta, mas também semanticamente, uma vez que, na trama da **Odisseia**,

<sup>3</sup> “Improvável Kieckers, IF 23, 1908/09, 353ff.: do grego. *véw* ‘nadar’” (HEINZ, op. cit., p. 502, trad. livre); “Uma conexão com *véw*, ‘nadar’, para gerar um nome náutico [...] é extravagante.” (HAINSWORTH, op. cit., trad. livre); “Descartar da mesma forma Kieckers IF 23, 362ff. (com *véw* ‘nadar’)” (FRISK, op. cit., p. 323, trad. livre); “Essa interpretação é, entretanto, igualmente improvável” (VON KAMPTZ, op. cit., p. 74, trad. livre).

<sup>4</sup> Aqui não se deseja adentrar a chamada “Questão Homérica”, que divide estudiosos quanto a como, quando e por quem a **Ilíada** e a **Odisseia** teriam sido compostas. Quando me refiro a Homero, aludo aqui não a uma pessoa histórica, mas ao autor que emerge dos textos dos dois épicos conforme nos chegaram nos dias de hoje. Se ele foi um, se foi muitos, ou se nunca existiu um poeta com esse nome, isso não interessa às finalidades deste trabalho. Aqui apenas interessa o Homero que deriva da leitura dos dois épicos a ele atribuídos. Para uma discussão atual, didática e acessível sobre a questão, v. Malta, 2015.

<sup>5</sup> O “s” final do radical teria sofrido uma síncope intervocálica muito comum no período anterior a Homero: *no-o-s* proviria de *\*nos-o-s*, da mesma maneira que o “s” da antiga desinência micênica “*syo*” já havia sido sincopado nos genitivos: *\*Priam-o-syo* > *Priam-o-io*.

Alcínoo assume, de fato, papel preponderante no processo de retorno (*nóstos*) de Odisseu. É o soberano dos feácios, através seu poder político na ilha que governa, que acolhe o herói e o envia de volta a casa em um de seus navios.

Entretanto, apesar da convidativa conexão entre o nome do soberano e o termo “retorno”, o próprio Frame admite categoricamente que Homero desconhecia qualquer vinculação entre substantivo *nóos*, “intelecto” (e, conseqüentemente, sua manifestação no nome do rei) com *nóstos*:

Mas deve-se lembrar que os poemas homéricos estão, eles próprios, inseridos no contexto do desenvolvimento do racionalismo grego. Isso indica que o entendimento de Homero de *nóos* não vai mais corresponder ao significado original dessa palavra. Os traços deixados em Homero são apenas aqueles que foram preservados por sua conservadora tradição (FRAME, *op. cit.*, p. 33, trad. livre).

De acordo com seus argumentos, portanto, o aedo teria se utilizado, em sua obra, de versos compostos por seus antecessores da antiga tradição em que se conhecia a relação entre *nóos* e *nóstos*, apesar de ele próprio não saber dessa conexão. Ou seja, o poeta provavelmente os estaria usando compreendendo-os dentro do sentido de *nóos* consolidado em seu tempo, “intelecto”, “mente”. Por isso, argumenta-se aqui, ele conduziu a caracterização de Alcínoo representando-o como um soberano de poderosa capacidade intelectual. Homero teria, portanto, herdado uma personagem dos cantores que o antecederam e estaria dando a ela roupagens próprias, isto é, transformando-a num inteligente e perceptivo soberano, graças a sua própria interpretação do que significava seu nome. Neste trabalho, explica-se como as primeiras caracterizações de Alcínoo na **Odisseia** reforçam essa hipótese.

### **Pressupostos narratológicos**

A narratologia, ou teoria da narrativa, oferece valiosos recursos para a análise de personagens a partir das informações presentes em determinado texto. Como a **Ilíada** e a **Odisseia** são as fontes deste trabalho, tal metodologia se mostra bastante proveitosa<sup>6</sup>, de modo que utilizo aqui os conceitos desenvolvidos por Uri Margolin de “caracterização” (*characterization*), “construção de personagem” (*character building*) e “retrato de personagem” (*character portraiture*). A **caracterização** é a atribuição de

<sup>6</sup> Sobre a aplicação da Narratologia à poesia homérica, v. De Jong, 2014, 2001 e 1987.

**traços** individuais a um personagem que pode ser, como se verá em seguida, tanto **explícita** quanto **implícita**; a **construção de personagem** se dá através da reunião de **traços** e **complexos de traços** atribuídos a um determinado **agente narrativo**, os quais, combinados e interrelacionados, geram o **retrato** final de uma personagem (MARGOLIN, 1986, p. 205).

A **caracterização explícita** ocorre quando asserções diretas atribuem certas características a personagens, sendo **narratoriais** quando partem do narrador ou **atoriais** quando partem de personagens. Já a **caracterização implícita** é mais sutil, e demanda uma maior atividade interpretativa por parte do **narratário**<sup>7</sup>, porque depende de sua análise de certos elementos implícitos no texto: a) atos de personagens (palavras, pensamentos e feitos), b) elementos estáticos a elas associados (nome, aparência, maneiras, hábitos etc.); e c) padrões narrativos dentro dos quais elas se encaixam (analogias com outras personagens ou situações, epítetos familiares e fórmulas etc.) (MARGOLIN, 1989, p. 13; DE JONG, 2001, p. xii).

Neste trabalho, o que se pretende é demonstrar como a primeira **caracterização explícita** de Alcínoo na **Odisseia**, conduzida pelo narrador homérico no verso VI, 12, sua primeira **caracterização implícita**, a cena com sua filha, Nausícaa, nos versos VI, 48-84, e a subsequente **caracterização implícita** que emerge de sua interação com Odisseu nos cantos VII e VIII contribuem, de maneira incisiva, para a construção do **retrato** de Alcínoo como personagem altamente perspicaz, dotada de um distinto *nóos*, “intelecto”, o que, por sua vez, aponta para a acepção de que seu nome signifique, em Homero, “força-mente”.

### **Indícios preliminares do “Alcínoo intelectual” na Odisseia: a primeira caracterização explícita por parte do Narrador Homérico**

Na primeira **caracterização explícita** do senhor dos feácios na **Odisseia**, o narrador afirma: “e Alcínoo reinava então, versado em conselhos advindos de deuses (*theôn ápo médea*)” (Od. VI, 12). Aponta-se que a personagem é conhecedora de *médea*, termo no neutro plural que significa “conselhos”, “planos”, “desígnios”<sup>8</sup>. Essa caracterização aponta para um Alcínoo, já de início, como personagem dotada de prudência divina, de bons pensamentos, e, pode-se dizer, de um distinto *nóos*.

<sup>7</sup> Aqueles a quem se narra. No caso da **Odisseia** nos dias de hoje, o leitor.

<sup>8</sup> v. *médos* em LIDDELL & SCOTT, 2010 p. 509; BAILLY, 2000, p. 1275; e *médea* em CUNLIFFE, 1977, p. 268

Conforme se argumenta em seguida, ao atribuir explicitamente esse traço ao rei feácio, Homero demonstra que pretende fazer jus à interpretação de seu nome como “aquele de poderoso *nóos*”.

*Médea* são utilizados na **Ilíada** e na **Odisseia** para caracterizar personagens quanto à prudência ou intelecto em 15 ocasiões (8 na **Ilíada**, 7 na **Odisseia**), incluindo o caso de Alcínoo. Essa ocorrência relativamente baixa revela um uso parcimonioso do termo: o poeta escolhe muito bem a quem deseja atribuir tal qualidade. Por treze vezes, ele o faz de maneira positiva, referindo-se aos perspicazes portadores de *médea* e, por duas vezes, de maneira negativa, referindo-se aos tolos deles desprovidos.

Das treze caracterizações positivas, quatro concernem Odisseu, o mestre do astúcia e do intelecto: na **Ilíada**, em duas ocasiões diz-se que ele é portador de *médea pukná*, “planos densos”. Na primeira, Helena diz a seu sogro, o soberano troiano Príamo: “Este é o filho de Laertes, Ulisses de mil ardis, / que foi criado na terra de Ítaca, áspera embora seja, / conhecedor de toda a espécie de dolos e planos ardilosos (*eidòs ... médea pukná*)” (Od. III, 200-2, trad. Lourenço). Logo em seguida, Antenor, conselheiro do rei, presente na mesma conversa, responde ao comentário, reiterando a caracterização do herói como detentor de “planos densos”, ou “*médea pukná*”:

Proferiste, ó mulher, uma palavra verdadeira.  
Uma vez aqui veio o divino Ulisses, numa embaixada  
por causa de ti com Menelau, dileto de Ares.  
Recebi-os com hospitalidade e estimei-os no palácio,  
pelo que conheci a sua natureza e os seus planos ardilosos (*médea pukná*)<sup>9</sup>.  
(III, 205-8, trad. Lourenço)

Já na **Odisseia**, o termo surge primeiramente durante o encontro de Odisseu com a alma de sua falecida mãe, Anticleia, no Hades, o mundo dos mortos. Numa cena impactante, o filho, emocionado por descobrir naquele momento que sua mãe está morta, pergunta sobre a causa de seu falecimento. Em forma de espectro, ela responde: “Mas foi a saudade de ti e dos teus conselhos (*médea*), glorioso Ulisses; / a saudade da tua brandura de coração: foi a saudade de ti / que me tirou a vida doce como mel” (Od. XI, 202-4, trad. Lourenço). Mais adiante, num canto posterior, é o

<sup>9</sup> É relevante destacar que, no texto grego, o conselheiro refere-se aos “planos ardilosos” tanto de Odisseu quanto de Menelau. A tradução de Lourenço para o português faz sumir o plural.

próprio narrador homérico que caracteriza o herói como “detentor de conselhos como os dos deuses”, quando descreve sua viagem embarcado na nau feácia ao voltar para casa: “Avançando com leveza, a nau cortou as ondas do mar, / transportando um homem cujos conselhos igualavam / os dos deuses (*theoîs’ enalíntia méde’ éxonta*) (...)” (Od. XIII, 88-90, trad. Lourenço). Por quatro vezes, portanto, Homero caracteriza explicitamente Odisseu, o maior dentre todos os heróis da Antiguidade em astúcia e inteligência, como portador de *médea*. Mais ainda, em uma dessas caracterizações, atribui-lhe “planos semelhantes aos dos deuses”, o que remete à referida introdução de Alcínoo. Conforme diz Garvie (1994, p. 84, trad. livre), mencionando a conexão entre as duas passagens: “[Na introdução de Alcínoo] também está indicada sua afinidade com Odisseu, o homem *polýmetis* [muita-astúcia], *theoîs’ enalíntia méde’ éxonta*.”

Dois anciãos importantes recebem referências a seus *médea* no épico homérico: Príamo, o rei de Troia na **Ilíada**, e Euricleia, a ama fiel de Odisseu na **Odisseia**. A caracterização de Príamo, junto de seu arauto, como “detentores de planos densos em seus pensamentos” ocorre duas vezes num contexto altamente relevante para o argumento central deste trabalho. Ambas as ocorrências vem à tona durante a incursão furtiva do rei e seu companheiro em pleno acampamento inimigo para pedir a Aquiles que lhe devolva o cadáver de seu filho, Heitor: “Deste modo no alto palácio ambos mandavam atrelar o carro, / o arauto e Príamo, com sábios pensamentos no espírito, (*pukinà phresì méde’ éxontes*)” (XXIV, 281-2, trad. Lourenço) e “Eles deitaram-se à frente da casa, o arauto / e Príamo, com sábios pensamentos no espírito (*pukinà phresì méde’ éxontes*)” (XXIV, 673-4, trad. Lourenço). Nos dois casos, portanto, os “sábios pensamentos” ou “planos densos”, *médea pukiná*, de Príamo e seu arauto são utilizados no contexto de uma incursão furtiva na qual o intelecto de ambos possui papel preponderante: é somente através da inteligência e da astúcia que ambos logram adentrar as linhas inimigas, onde o soberano contacta Aquiles e roga-lhe que devolva o corpo de Heitor. Ou seja, esse é um claro caso em que os *médea* servem para caracterizar alguém que depende de seu intelecto para executar determinado plano.

Outra personagem anciã e perspicaz aludida da mesma forma é Euricleia, ama sábia e leal a Odisseu na **Odisseia**, que permanece fiel ao senhor ausente, aguardando incansavelmente pelo seu retorno. Ela é elogiada por Penélope da

seguinte forma: “Sim, tenho uma anciã com ideias argutas no juízo (*pukinà phresi méde' éxousa*)” (Od. XIX, 353, trad. Werner), uma caracterização semelhante à de Príamo e do arauto. Tanto o rei de Troia quanto a ama são figuras conhecidas por sua temperança e habilidade de discernimento: ele é o rei que governa os Troianos, e aquele que se infiltra astuciosamente no meio de seus inimigos para recuperar o cadáver do filho, e Euricleia é a ama que permanece fiel a Odisseu até seu retorno, sendo a única personagem da **Odisseia** a descobrir a identidade do senhor de Ítaca antes que ele se disponha a revelar-se, na famosa cena em que o reconhece ao notar sua cicatriz ao banhá-lo (Od. XIX, 392-3).

Duas outras célebres personagens recebem caracterização explícita quanto à qualidade de seus *médeas*: Zeus, que é segundo Íris, “versado em planos imortais (*áphthita médea eidós*)” (Il. XIV, 88), e Penélope, fiel esposa de Odisseu que, segundo o espectro de Agamêmnon no Hades relata, é “deveras sensata, projetos conhece bem no juízo (*eû phresi médea oîde*)” (Od. XI, 445, trad. Werner). As duas personagens são, assim como Odisseu, marcadas no épico por seus *nóoi*: Zeus, o maior dentre os deuses, é amplamente conhecido por sua sapiência – ele é aquele que porta a *mêtis*, “astúcia”, dentro de si; e Penélope, esposa do astuto Odisseu, é retratada na **Odisseia** como perspicaz e engenhosa. Para citar dois rápidos exemplos de sua astúcia: primeiro, ela diz aos ansiosos pretendentes que apenas se casará com um deles depois de terminar de tecer uma mortalha para Laerte, o pai de Odisseu, que já é muito velho e deve morrer em breve. Mas esse é um embuste, pois embora ela a teça a mortalha durante o dia, desfaz grande parte do trabalho durante a noite. Assim, até que seu artifício seja descoberto, adia tanto quanto possível o momento de casar-se contra sua vontade (Od., II, 93-110; XIX, 137-56; XIV, 129-48). Seu segundo plano astucioso é o concurso do arco. Quando não mais consegue suportar as investidas dos pretendentes para que se case, Penélope diz que aceitará as bodas com aquele que conseguir encordoar o arco de Odisseu e atirar uma flecha por entre anéis na ponta de machados enfileirados e cravados ao chão: feito altamente improvável, para não se dizer impossível, para qualquer homem comum (XXI, 42-59). De fato, apenas Odisseu, disfarçado de mendigo, logra realizá-lo. Assim, a esposa não só evita se casar com os pretendentes, como ajuda, ainda, seu marido a eliminá-los no massacre que se segue à disputa com o arco. Os dois são exemplos que explicitam claramente a alta capacidade intelectual da senhora de Ítaca.

Outras três personagens são caracterizadas positivamente quanto aos *médeas*. Elas são menores e pouco conhecidas, mas, ainda assim, relevantes para este argumento. A primeira é um certo Perifante, descrito pelo narrador na *Ilíada* como “versado em conselhos amigáveis em seus pensamentos (*phíla phresi médeas eidós*)” (Il., XVII, 325). Apolo assume a forma desse homem e fala através de sua voz quando os gregos avançam e ameaçam perigosamente o exército troiano. Após tomar forma humana, o deus incita Eneias, herói troiano, à batalha para que seus combatentes consigam deter a investida aqueia. O fato de Apolo escolher a identidade de Perifante para incitar o herói troiano sugere que tal homem seja relevantemente respeitado entre seus pares por sua prudência e por seus *médeas*. Apolo jamais escolheria alguém estúpido para incentivar Eneias na batalha: o herói não lhe daria ouvidos. De modo que, novamente, os *médeas* parecem ser utilizados para caracterizar alguém reconhecido socialmente por seu notável senso de prudência e intelecto.

As outras duas personagens menores possuem, da mesma forma, papéis humildes, mas de repercussão importante na trama de cada épico. A primeira é Ideu, arauto troiano que, junto a Taltíbio, arauto aqueu, intervém para dar fim ao combate singular entre Ajax e Heitor. No canto VII da *Ilíada*, Apolo e Atena tentam findar a guerra de Troia promovendo um duelo entre um herói grego e um troiano. O vencedor determinaria a vitória para seu lado na guerra, que seria encerrada sem que fossem necessárias mais mortes de ambos os lados. Assim, tem início o combate singular entre Heitor e Ajax. Entretanto, o duelo é intenso e demorado, e não parece possível que nenhum dos dois saia dali vitorioso. Conseqüentemente, frente a uma disputa que não teria fim, dois arautos, um de cada nação, intervêm para que o mesmo seja interrompido. Assim descreve o narrador:

E teriam agora desferido golpes de espada em luta cerrada,  
se os arautos, mensageiros de Zeus e dos homens,  
se não tivessem aproximado, um dos Troianos, outro dos Aqueus  
vestidos de bronze, Taltíbio e Ideu, ambos prudentes.  
No meio deles levantaram os cetros e assim disse  
o arauto Ideu, conhecedor de prudentes conselhos (*pepnuména  
médeas eidós*)  
(Il. VII, 273-8, trad. Lourenço)

Deste modo, fica clara a posição de prestígio social de que goza Ideu, “conhecedor de prudentes conselhos”: ele é o responsável, do lado troiano, por tomar

a iniciativa de encerrar o combate entre dois dos maiores heróis da **Ilíada**, e aquele que determinaria o fim da guerra de Troia.

A segunda personagem menor a que se deseja aludir é Pisenor, ancião de Ítaca que deposita o cetro nas mãos de Telêmaco na primeira assembleia no canto II da **Odisseia**. Depois de Odisseu haver partido para a guerra, não há mais assembleias em seu reino por vinte anos. Telêmaco, o filho do herói, inspirado por Atena, propõe a primeira delas após a partida do pai a fim de propor uma busca por informações sobre seu paradeiro. Durante esse importante evento social, os participantes alternam-se em seus discursos, e um cetro que passa de mão em mão determina a vez de cada presente falar. O responsável por entregar esse cetro a Telêmaco, no discurso que abre a referida assembleia é, justamente, Pisenor, um velho orador que, podemos inferir, goza de prestigiada posição política em Ítaca:

[Telêmaco] não permaneceu sentado, pois fazia tenção de falar.  
Pôs-se de pé no meio da assembleia e na mão lhe colocou  
um cetro o arauto Pisenor, homem aconselhado e prudente  
(*pepnuména médea eidós*).  
Falou dirigindo-se em primeiro lugar ao orador idoso.  
(Od. II, 36-9, trad. Lourenço)

Tanto o fato de ser Pisenor o responsável por entregar o cetro quanto o fato de Telêmaco direcionar seu discurso primeiramente a ele apontam para sua importância enquanto depositário da confiança e respeito da sociedade de Ítaca: apenas um sábio e prudente ancião, confiável aos olhos da sociedade local, receberia a função de entregar o cetro que empodera a fala dos presentes, bem como receberia o direcionamento por parte de Telêmaco no discurso que abre a assembleia.

Ambas as personagens, Ideu e Pisenor, são caracterizadas a partir da mesma fórmula métrica: o narrador diz serem “versados em conselhos prudentes/sagazes (*pepnuména médea eidós*)”, epíteto que os retrata de maneira favorável quanto ao intelecto. Mas, para além das palavras, o contexto em que atuam deixa claro o respeito conferido a essas figuras pela sociedade em que vivem. Enquanto arauto e ancião, eles representam a vontade de seu povo, que sobre eles deposita a confiança para conduzir tarefas políticas cruciais: Ideu intervém para interromper o combate singular que definiria a guerra de Troia, e Pisenor entrega o cetro que empodera aquele que fala na assembleia de Ítaca. A magnitude dessas atitudes confirma o prestígio social de que gozam as figuras em suas comunidades: são admiradas e respeitadas,

sobretudo por conta de suas privilegiadas faculdades mentais que lhes permitem julgamentos cabíveis.

Ora, o fato de que todas as personagens mencionadas acima compartilhem com Alcínoo o mesmo traço de caracterização, seus *médea*, utilizado cuidadosamente por Homero ao longo do épico, permite-nos agrupá-los dentro de uma mesma categoria: a daqueles reconhecidamente prezados em suas comunidades devido a seus intelectos avantajados. Alcínoo se aproxima, portanto, devido ao fato de receberem caracterizações semelhantes, de Odisseu, de Penélope, de Zeus, de Príamo, de Euricleia, do conselheiro, do arauto e do ancião: todos são reconhecidamente louvados por seus conselhos/planos inteligentes. De modo que, a partir da inclusão de Alcínoo no grupo de personagens marcadas pelo intelecto no épico homérico, podemos nos inclinar ainda mais a considerar que o poeta entendesse seu nome como uma fusão entre *alkí* e *nóos*.

Quanto às duas ocorrências que caracterizam aqueles **desprovidos** de *médea*, elas ocorrem em contextos similares entre si e apresentam a mesma fórmula métrica: “que é mortal e não conhece tantos *médea* (*hós per thnetós t’ esti kai ou tósa médea oíde*)”. Nas duas ocasiões, deusas ofendem-se porque julgam que interlocutores duvidam de suas capacidades intelectuais. Primeiramente, na **Ilíada**, Hera reprova o discurso de Zeus quando ele a acusa de favorecer os aqueus na batalha:

Crônida terribilíssimo, que palavra foste tu dizer?  
Até um mortal se dispõe a fazer o que pode por outro homem,  
um que é mortal e não é dotado de muitas ideias (*hós per thnetós t’  
esti kai ou tósa médea oíde*).  
Como então eu — que afirmo ser a mais excelsa das deusas  
por duas razões: pelo nascimento e porque tua esposa  
sou chamada, tu que reges todos os deuses imortais —  
como não haveria eu de coser desgraças para os Troianos?  
(Il. XVIII, 361-7, trad. Lourenço)

A tônica do discurso da deusa é: “se mesmo um mortal, que pode ser tolo e ‘não dotado de muitas ideias’, tentaria ajudar o lado daqueles dos quais gosta, como eu, deusa, esposa do mais inteligente dos deuses, infalível em seus planos (*médea*), não faria o mesmo?”

Na **Odisseia**, Atena utiliza a mesma fala para expressar seu descontentamento com Odisseu. A deusa prepara um plano perfeito para a vingança

do herói, mas ele vacila e preocupa-se com alguns detalhes na noite anterior a sua execução. Então diz a deusa:

Homem duro! Outro confiaria em amigo mais fraco,  
 um que é mortal e não é dotado de muitas ideias (*hós per thnetós t' estì kai ou tósa médea oíde*).  
 Mas eu sou uma deusa, que sempre por ti mantenho  
 vigília em todos os teus trabalhos (...)  
 (Od. XX, 47-8)

Atena reclama que qualquer um confiaria em um amigo qualquer, “que é mortal e não é dotado de muitas ideias”, mas o herói está duvidando da capacidade dela que é uma deusa, e, por isso, infalível em seus *médea*.

Nos dois discursos, fica claro que, em oposição aos mortais, suscetíveis ao erro por não conhecerem muitos *médea*, os deuses são infalíveis, inequívocos portadores de planos certos que agem com prudência e inteligência. A partir desses dois discursos pode-se traçar, portanto, uma clara linha que divide, de um lado, os imortais, implacáveis em seus *médea*, e de outro, os mortais, passíveis de serem deles desprovidos. Pois bem, tal diferenciação enriquece ainda mais a caracterização de Alcínoo porque fortalece a conexão entre a representação da personagem e a interpretação que aqui se defende do *nóos* em seu nome. Segundo a caracterização explícita do narrador, Alcínoo é não só “versado em conselhos”, do mesmo modo que os outros prestigiados portadores de *médea* citados anteriormente, bem como seus conselhos são, ainda, “**advindos de deuses** (*theôn ápo*)”. Assim, levando-se em conta a divisória traçada entre deuses e mortais quanto aos *médea*, o narrador coloca Alcínoo, embora mortal, mais próximo do divino no que tange a seus conselhos. Na linha que divide os mortais sujeitos ao erro dos deuses infalíveis em *médea*, Homero Alcínoo encontra-se junto aos imortais. Consequentemente, seus conselhos são não só excelentes como infalíveis, porque vêm de deuses. Assim, a atribuição desses traços aos *médea* do rei serve como mais um indício de que Homero enxergasse a presença do *nóos* como elemento de composição do nome da personagem, pois os planos infalíveis estão diretamente ligados à capacidade intelectual daqueles que os idealizam.

## Indícios do “Alcínoo intelectual” na Odisseia: a primeira caracterização implícita na cena com Nausícaa

A referida introdução de Alcínoo é um preâmbulo que antecede sua primeira aparição no épico. É um aperitivo que prepara o terreno para sua entrada, de fato, na história. Richardson (1990, p. 36-40), afirma que as caracterizações introdutórias em Homero normalmente servem não para apresentar personagens à plateia, mas para direcionar a atenção da mesma para a função que elas desempenharão nas cenas que se seguem imediatamente. Diferente da ficção moderna, em que se criam personagens para um trabalho específico, e, por isso, faz-se necessário apresentar quem são e descrevê-las ao público, o épico homérico utiliza-se, na maioria dos casos, de personagens tradicionais, já velhas conhecidas de seu público e que, por isso, prescindem de introduções detalhadas a respeito de quem são<sup>10</sup>. Assim, a caracterização de Alcínoo serve não para dizer **quem** ele é, mas para apontar **como** sua atuação se desenvolverá na cena que se apresenta em seguida.

Na entrada do rei, no Canto VI, as características intelectuais introduzidas pelo narrador se alinham perfeitamente ao contexto imediato do poema. Nausícaa, sua filha, induzida por Atena, pede ao pai que lhe permita lavar roupas para seu casamento. Entretanto, constrangida de trazer à tona o assunto de seu matrimônio, a moça justifica o pedido dizendo querer lavar as roupas de seus irmãos. Longe de crer na história da menina, Alcínoo capta sua real motivação, como o narrador deixa claro: “Assim falou [Nausícaa], pois envergonhava-se de mencionar, à frente / do pai amado, núpcias que ainda estavam a despontar. / Mas ele compreendeu (*nóei*) tudo e respondeu-lhe deste modo (Od. VI, 66-7 trad. Lourenço)”. A utilização do verbo *noéo*, “apreender por meio do *nóos*”, isto é, “compreender”, é altamente representativa. A conexão entre o verbo conjugado, *nóei*, e o substantivo *nóos* é óbvia: Alcínoo, aquele que, defende-se aqui, para Homero, carrega o *nóos* em seu nome, é aquele que percebe (*nóei*), aquele que capta o que se esconde por trás das palavras de sua interlocutora e compreende, fazendo uso de seu intelecto, suas reais intenções. A caracterização do narrador homérico a respeito de Alcínoo, portanto, como portador

---

<sup>10</sup> Claro, é difícil precisar quem foi criado pelo poeta e quem é originário da tradição, mas uma personagem da magnitude de Alcínoo muito provavelmente foi herdada da tradição. A própria hipótese etimológica de Frame citada no início deste trabalho, que se mostra plausível pelo papel desempenhado pelo rei na *Odisseia*, se baseia na hipótese de sua existência anterior na tradição.

de conselhos vindo de deuses, vem a ser confirmada logo em sua primeira aparição em cena: o arguto senhor dos feácios percebe o recurso estratégico utilizado pela filha para manipulá-lo.

Race (1993, p. 79) argumenta que, frequentemente, as primeiras aparições de personagens na **Odisseia** servem como introdução a suas características essenciais na obra e revelam seu *êthos*. Elas servem de referência inicial sobre como se pode esperar que, ao longo do épico, suas personalidades e comportamentos se desenrolarão. O estudioso embasa sua argumentação nas primeiras aparições de diversas personagens da **Odisseia** (Telêmaco, os pretendentes, Helena, Penélope, Menelau e outros), que correspondem exatamente à maneira como elas atuam no restante da obra. Race não menciona, curiosamente, a questão da sagacidade do senhor dos feácios na cena em questão. O espaço que reserva para ela em seu artigo é ínfimo, e ele se concentra, sobretudo, na figura de Nausícaa (RACE, *op. cit.*, p. 92-4). Mas a primeira aparição de Alcínoo, argumenta-se aqui, revela muito bem seu modo de ser e agir ao longo de toda sua figuração no restante da obra. Assim como compreende (*nóei*) as intenções de Nausícaa, Alcínoo compreenderá as intenções veladas daquele com quem mais se relacionará durante os cantos subsequentes, Odisseu.

### **Indícios do “Alcínoo intelectual” na Odisseia: a caracterização implícita na recepção de Odisseu nos cantos VII e VIII**

O preâmbulo com Nausícaa, portanto, relaciona-se diretamente à maneira pela qual o encontro entre Alcínoo e Odisseu se desenvolverá nos cantos VII e VIII da **Odisseia**. Desde a recepção do estranho por parte do rei no canto VII, ambos se comunicam, em diversas ocasiões, muito mais pelo que fica latente na fala de cada um do que através daquilo que dizem. Richardson (2007, p. 133-4) argumenta que grande parte da conversação na **Odisseia** é complexa e vai além da superfície do discurso. Em diversas situações, o que uma personagem fala não é exatamente aquilo que deseja comunicar: por baixo da camada superficial de seu discurso, intenções outras costumam se esconder, e a decodificação ou não dessas mensagens subliminares depende da perspicácia daqueles que as recebem. A linguagem, amiúde, é elemento que ofusca em vez de iluminar, e consequências nefastas geralmente recaem tanto sobre aqueles que se expressam de forma direta quanto

sobre os que acreditam prontamente no que lhes é dito. Num mundo marcado pela constante ameaça, onde não se sabe em quem se pode confiar e quem é perigoso, o jogo do discurso velado e sua decodificação se mostra como recurso indispensável para a sobrevivência, e separa os perspicazes vencedores dos ingênuos vencidos. Richardson (*op. cit.*, p.133) afirma, ainda, que a cena entre Alcínoo e Nausícaa é paradigmática para esse modelo: a filha diz uma coisa enquanto pensa outra; o pai, fazendo uso de sua capacidade intelectual, seu *nóos*, compreende (“*nóei*”) suas segundas intenções e responde positivamente, embora esteja consciente do artifício por ela utilizado. E, novamente, a relação entre o soberano feácio e sua capacidade intelectual faz-se explícita, o que serve, mais uma vez, de indício para a interpretação de seu nome como **força-mente**. Tudo isso funciona como uma natural introdução ao encontro entre Alcínoo e Odisseu.

Em Semedo (2018, no prelo), argumento que um sutil jogo discursivo se desenrola entre o rei dos feácios e o herói durante sua estadia no país dos feácios: desde que o estrangeiro aparece no salão real no canto VII, o rei esforça-se por fazer seu misterioso convidado revelar quem é. Odisseu, por outro lado, não deseja fazê-lo, e insiste em se manter anônimo. Tem início, portanto, um embate discursivo em que o rei tenta encurralar o herói e desvelar sua identidade, enquanto Odisseu, que não deseja fazê-lo, esforça-se para mantê-la em segredo. Temos uma oposição, portanto, entre o rei de poderoso *nóos* e o herói multi-astuto (*polýmetis*). Enquanto o rei tenta apreender a identidade do herói, o mesmo astutamente se esquivava. Todo esse jogo é analisado em detalhes em Semedo (*op. cit.*), mas como exemplo desse movimento, tomemos aqui o primeiro encontro entre o rei e seu hóspede.

Tão logo Odisseu surge magicamente no meio do salão feácio, Alcínoo mostra-se espantado e parece curioso para saber quem é aquele misterioso convidado que chegou. Entretanto, temente às leis da hospitalidade, ele sabe não ser adequado confrontá-lo diretamente naquele momento. Apenas após tê-lo alimentado e conferido a ele todos os cuidados devidos ao hóspede, seria cabível fazê-lo. O rei, entretanto, não deixa de tentá-lo preliminarmente: utilizando-se de um artifício estratégico para questioná-lo de maneira delicada, indireta, e, conseqüentemente, sem romper violentamente com as regras da boa hospitalidade, faz um pedido velado de identificação. Primeiro, salienta que proverá todos os cuidados cabíveis ao convidado, manifestando claramente sua intenção de respeitar às leis da

hospitalidade e atender às suas súplicas (Od. VII, 186-9). E então, apenas depois de se haver estabelecido como anfitrião adequado, prossegue para a parte delicada de seu discurso: a tentativa furtiva de descobrir a identidade do estranho antes do momento propício para tal:

Porém se ele for um dos imortais, descido do céu,  
outra coisa doravante estarão os deuses a planejar:  
é que antes sempre se nos revelaram de forma clara,  
quando oferecíamos as gloriosas hecatombes; e eles,  
conosco sentados, conosco participavam do banquete.  
(Od. VII, 202-6, trad. Lourenço).

Sutilmente, portanto, sem confrontar seu hóspede diretamente, o rei se indaga se aquele não seria “um dos imortais, descido do céu”. Mas o que está por trás dessa pergunta retórica parece ser uma indagação velada e indireta ao próprio convidado a respeito de sua identidade. Segundo de Jong (2001, p. 181, trad. livre),

embora ele se dirija aos nobres feácios e fale do estrangeiro na terceira pessoa, fica claro que a intenção é que suas palavras sejam ouvidas também pelo estrangeiro (que, de fato, reagirá, embora não diga seu nome), uma instância de diálogo indireto. A longa ‘luta pelo nome de Odisseu’ tem início.

A autora assinala que essa é uma instância de endereçamento indireto: embora Alcínoo se dirija aos nobres, é a Odisseu que deseja falar. Ademais, a indagação serve apenas como um embuste para que o estranho, possivelmente, revele quem é. Questionando-o dessa maneira, indireta e sutilmente, o rei não sofre o risco de ofendê-lo em seu direito como hóspede de permanecer anônimo naquele momento. Ao mesmo tempo, se o estranho se sente confortável em revelar-se, o rei consegue solucionar o mistério sem ferir as relações de hospitalidade (SEMEDO, *op. cit.*).

Entretanto, o herói não deseja fazê-lo naquele momento. Durante suas aventuras perambulando pelo mar após a guerra, Odisseu descobriu que revelar seu nome pode ser altamente perigoso. No episódio do Ciclope, narrado no canto IX, o herói conta como foi amaldiçoado porque o monstro teve acesso a seu nome. É por conta da revelação de seu nome que Posêidon o atormenta durante dez anos, sem deixá-lo voltar a casa. Diante dos feácios, portanto, o estrangeiro mantém-se cauteloso, e não deseja dizer quem é. Como de Jong aponta, a “luta pelo nome de Odisseu” é longa: Alcínoo tem diante de si uma tarefa árdua. Após a primeira tentativa

sutil do rei de fazê-lo revelar-se, Odisseu se esquivava astuciosamente da pergunta. Ele começa seu discurso respondendo à última parte do questionamento:

Alcino, pensa antes noutra coisa! Pois não tenho  
semelhança com os imortais, que o vasto céu detêm,  
quer pelo corpo quer pela natureza, mas sim com os mortais.  
Quem conhecerdes entre os homens com maior fardo  
de desgraças, a esse me assemelho nos meus sofrimentos.  
E longamente eu vos poderia contar todos os males,  
todos os que por vontade divina tive que passar.  
(Od. VII, 208-14, trad. Lourenço)

O estranho esquivava-se elegantemente do questionamento indireto e sutil por parte de Alcínoo, e, conscientemente, mantém-na em segredo. Afirma apenas não ser um deus e ter sofrido muitos males, mas nada revela sobre quem é. E diz que contaria tudo pelo que passou,

No entanto deixai-me jantar, apesar da minha tristeza.  
Pois nada existe de mais detestável do que o estômago,  
que à força obriga o homem a pensar em comida,  
mesmo quando oprimido com tristeza no espírito,  
como agora me sinto oprimido; mas de modo incessante  
me recorda o estômago a comida e a bebida, fazendo-me  
esquecer tudo o que sofri, exigindo que o encha.  
(Od. VII, 215-21, trad. Lourenço)

Através dessa resposta, Odisseu solidifica sua posição como suplicante de acordo com os sagrados códigos da hospitalidade (no grego homérico, *xeinía*), invocando veladamente seu direito de manter-se anônimo naquele momento. Assim, apoiando-se na proteção conferida pela relação de *xeinía*, e reiterando sua posição como convidado, o herói desvia-se sutilmente da tentativa do rei. Pedir para que apenas lhe deixem comer é uma maneira respeitosa de comunicar que ele deseja ater-se ao privilégio de suplicante: ele não precisa revelar-se até haver sido alimentado. E assim Odisseu ganha uma sobrevida em relação a seu anonimato (SEMEDO, *op. cit.*).

Da mesma forma que o rei abre seu discurso fazendo jus às boas normas da hospitalidade para suavizar a pequena transgressão que tenta em seguida, o estrangeiro conclui sua resposta deixando claro, também delicadamente, que pretende receber o favor de seu anfitrião sem lhe dar nada em troca naquele momento. O mesmo recurso que Alcínoo utiliza para suavizar seu ataque é o que Odisseu utiliza para solidificar sua defesa, permanecendo anônimo e reivindicando o

transporte para casa: os códigos da hospitalidade. Conforme se demonstrou, esses códigos não são invocados de maneira explícita, mas permanecem latentes na fala de cada um. Ambos estabelecem na cena, portanto, uma comunicação silenciosa abaixo da superfície. Alcínoo tenta sutilmente fazer com que o estranho se revele sem quebrar nenhuma lei hospitaleira: “sou temente às regras da hospitalidade, vê bem, e não tenho intenção de transgredi-las. Mas não deixo de estar curioso em saber quem és tu que apareceste aqui de maneira tão impressionante. Quem sabe tu não te revelas se eu tentar algo?” Odisseu, por sua vez, utiliza seu discurso como que respondendo indiretamente à tentativa do rei: “sei que desejas que eu me revele, mas vou ater-me a meu direito de manter minha identidade em segredo neste momento – e nisso estou respaldado pelas leis da hospitalidade” (SEMEDO, *op. cit.*). Tal postura é paradigmática para a relação entre as duas personagens: Alcínoo tenta fazer o estrangeiro revelar-se, enquanto este elegantemente se mantém oculto. Assim, nenhum ofende o outro, porém, cada um mantém-se firme em sua posição.

Como último exemplo da representação desse movimento, podemos tomar a descrição do narrador das cenas em que Odisseu chora em resposta a canções sobre a guerra de Troia. Como parte do entretenimento conferido a seu hóspede, Alcínoo convida o aedo Demódoco a cantar durante os banquetes de sua recepção. Nas duas ocasiões em que o músico executa canções sobre a guerra de Troia, Odisseu não consegue conter suas lágrimas, mas chora discretamente, tentando escondê-las das vistas de todos. Ele, novamente cuidadoso, não deseja levantar suspeitas a respeito de sua identidade. Assim o narrador descreve as duas cenas: “Ao chorar, as lágrimas [de Odisseu] escapavam à percepção (*elánthane*) de todos os outros; / Alcínoo foi o único que o observou e percebeu (*enóesen*), / sentado perto dele, e ouviu seus profundos gemidos” (Od. VIII, 93-5; 532-4, trad. adaptada de Werner). Nenhum dos presentes nota as lágrimas do herói, exceto, é claro, Alcínoo, aquele que tudo percebe. A mesma fórmula épica é usada nas duas ocasiões, e dessa fórmula, pode-se depreender uma oposição central entre os dois verbos destacados: 1) *lantháno*, de tradução desajeitada em português como “escapar ao notar de”, “escapar à percepção de”, e 2) *noéo*, “aperceber-se”, “apreender por meio da percepção (*nóos*)”. Tal oposição é altamente representativa para o embate entre a capacidade perceptiva do rei, seu *nóos* (representada pelo verbo *noéo* na referida fórmula, e na composição de seu nome, conforme aqui se argumenta, *alkí-noos*), e a capacidade ímpar de Odisseu,

o herói *polúmetis*, “muita-astúcia”, de esquivar-se quando se lhe perguntam quem é, fazendo com que sua identidade escape à percepção (*lantháneĩ*) de seus interlocutores. Essa oposição, portanto, entre o perceber (*noeĩn*) de Alcínoo versus o esconder de Odisseu, sua capacidade de “escapar à percepção de” (*lanthánein*) todos, fica latente em toda a interação entre o rei e o herói na corte dos feácios.

### **Conclusão: relação entre a cena de Alcínoo e Nausícaa e o embate discursivo entre o rei e Odisseu**

A cena com Nausícaa, portanto, serve como uma pertinente introdução ao embate discursivo entre Odisseu e Alcínoo, quando os dois se utilizam da manipulação da linguagem para se comunicarem abaixo da superfície das palavras, cada um com suas próprias intenções (Odisseu, de manter-se anônimo, Alcínoo, de fazê-lo revelar-se). Nausícaa esconde sua verdadeira intenção ao pedir para lavar roupas: ela não menciona o fato de que está se preparando para seu próprio casamento. Assim, tenta manter o verdadeiro motivo de seu pedido velado. Mas o rei tudo percebe (*pánta nóei*), apesar de responder sem acusá-la. Da mesma maneira, Odisseu tenta manter seu nome às escuras, fazendo-o escapar à percepção de seu anfitrião (*lanthánein*). Mas este, assim como ocorre na cena introdutória com sua filha, percebe (*nóei*) o que está se passando, e aguarda pertinentemente pelo momento oportuno de fazê-lo revelar-se. Tal momento eventualmente chega no canto VIII, e Alcínoo finalmente consegue extrair o nome de Odisseu, bem como sua história, cena analisada em detalhe em Semedo (2018, *op. cit.*).

O rei dos feácios integra, portanto, como se procurou demonstrar, o rol dos grandes jogadores do discurso, jogadores que são, todos eles na **Odisseia**, caracterizados pela inteligência, pelo recurso e por seus *nóoi* (Odisseu, Menelau, Nestor, Atena, Penélope, Eumeu). A caracterização explícita do personagem em sua introdução na obra, bem como sua caracterização implícita cena com Nausícaa no canto VI, e aquela que emerge de sua interação com Odisseu nos cantos VII e VIII servem, portanto, como um importante indício para a hipótese de que, de fato, Homero tenha interpretado o nome de Alcínoo como uma fusão entre *alkí* e *nóos*, representando-o claramente como um rei de “forte mente”, aquele que tudo percebe.

## Referências

BAILLY, A.; **Le Grand Bailly: Dictionnaire Grec Français**. Rev. CHANTRAINE, P.; SÉCHAN, L. Vanves: Hachette, 2000.

CUNLIFFE, R. **A lexicon of the Homeric dialect**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1977.

DE JONG, I. **Narratology and Classics: a practical guide**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

\_\_\_\_\_. **A narratological commentary on the Odyssey**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. **Narrators and Focalizers: the presentation of the story in the Iliad**. Bristol: Bristol Classical Press, 1987.

FRAME, D. **The Myth of Return in Early Greek Epic**. New Haven: Yale University Press, 1978.

FRISK, H. **Griechisches Etymologisches Wörterbuch** (band II). Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 1970.

GARVIE, A. **Homer. Odyssey. Books VI-VIII**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

HAINSWORTH, J. Books V-VIII. In: HEUBECK, A. et Al. **A Commentary on Homer's Odyssey** (vol. I). Oxford: Clarendon Press, 1990, p. 249-385.

HEINZ, G. Ἀλκίνοος. In: SNELL, B. (org.). **Lexikon des frühgriechischen Epos**. Band 1. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1979. p. 502-3.

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. **Odisseia**. Trad. Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. **The Odyssey with an English Translation**. Trad. A.T. Murray. Londres: Harvard University Press, 1919.

\_\_\_\_\_. **Homeri Opera in five volumes**. Oxford: Oxford University Press, 1920.

KIECKERS, E. Griechische Eigennamen auf -voos (-vous). In: **Indogermanische Forschungen**, v. 23, 1908, p. 353-66.

LIDDELL & SCOTT. **An Intermediate Greek-English Lexicon**. Oxford: Benediction Classics, 2010.

MALTA, A. **A Musa difusa: Visões da oralidade nos poemas homéricos**. São Paulo: Annablume, 2015.

MARGOLIN, U. The Doer and the Deed: Action as a Basis for Characterization in Narrative. In: **Poetics Today**, v. 7, n. 2, 1986, p. 205-225.

\_\_\_\_\_. Structuralist approaches to character in narrative: The state of the Art. In: **Semiotica**, v. 75, n. 1-2, 1989, p. 1-24.

MÜHLESTEIN, H. Namen von Neleiden auf den Pylostäfelchen. In: **Museum Helveticum**, v. 22, n. 3, 1965, p. 155-165.

RACE, W. First appearances in the Odyssey. In: **Transactions of the American Philological Association (1974-)**, v. 123. The Johns Hopkins University Press, 1993, p. 79-107.

RICHARDSON, S. **The Homeric Narrator**. Nashville: Vanderbilt University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. Conversation in the Odyssey. In: **College Literature**, v. 34, n. 2. College Literature, 2007, p. 132-149.

SEMEDO, R. Od. 8.548: Ocultação e verdade no questionamento de Alcínoo a Odisseu. In: **Ágora. Estudos Clássicos em Debate**, v. 20, Aveiro, 2018. No prelo.

VON KAMPTZ, H. **Homerische Personennamen**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.

Recebido em 12 de novembro de 2017  
Aprovado em 22 de março de 2018